

# POVOADO EM ABANDONO

## A polissemia de Cuñapirú–Corrales no Uruguay

SETTLEMENT IN ABANDONMENT  
*The Cuñapirú–Corrales polysemy in Uruguay*

Laís Dellinghausen Portela<sup>1</sup> e Eduardo Rocha<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo trata da experiência na localidade de Cuñapirú - Corrales, pertencente ao Departamento de Rivera no Uruguay e com origem e declínio incentivados pela extração de minérios. Busca-se, nesse contexto, analisar o hoje, a fragmentação dos espaços e as relações e percepções dos indivíduos perante um lugar do abandono no sul da América do Sul, compreendendo que este pode ser um território potencial produtor de reações afetivas. Assim, através da aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia contemporânea francesa, a partir da metodologia da cartografia urbana, esse artigo aborda os temas e diversos sentidos que a palavra abandono pode trazer à tona; explorando que lugares mesmo hostis podem acolher e demonstrar sensação de pertencimento; bem como insere uma relação próxima com a teoria da terceira paisagem.

Palavras-chave: abandono, polissemia; Cuñapirú–Corrales, cartografia urbana, urbanismo contemporâneo.

### Abstract

*The article deals with the experience in the locality of Cuñapirú - Corrales, belonging to the Department of Rivera in Uruguay and with origin and decline encouraged by the extraction of ores. In this context, the aim is to analyze today, the fragmentation of spaces and the relationships and perceptions of individuals before a place of abandonment in the south of South America, understanding that this can be a potential territory that produces affective reactions. Thus, through the approximation between the theories of contemporary urbanism and contemporary French philosophy, from the methodology of urban cartography, this article addresses the themes and different meanings that the word abandonment can bring to light; exploring that even hostile places can welcome and demonstrate a sense of belonging; as well as inserts a close relationship with the theory of the third landscape.*

Keywords: abandonment, polysemy, Cuñapirú–Corrales, urban cartography, contemporary urbanism.

<sup>1</sup> Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo (FAURb/UFPel). Membro do Grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade. E-mail: laisdp@gmail.com

<sup>2</sup> Professor associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq Cidade+Contemporaneidade. Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestre em Educação e especialista em Patrimônio Cultural (UFPel). Arquiteto e urbanista (UCPel). E-mail: amigodudu@yahoo.com.br



### Introdução

Não percebemos e compreendemos os abandonos urbanos em sua totalidade principalmente frente a valorização atribuída, economicamente, aos espaços. Mais do que isso, passa-se imperceptível o fato de os abandonos não serem apenas lugares da ociosidade, ou seja, da inatividade, muitos desses espaços apresentados ao abandono acabam por se ocupar imediatamente.

Nesse artigo, pensamos abandono como o lugar de construção da subjetividade<sup>3</sup>, onde traçamos mapas, desenhos, sensações e até mesmo violência. Entende-se então, como linha de escape o estado em que o abandono se encontra, produz e reproduz. Estado econômico, cultural, social, histórico e sensorial (ROCHA, 2010).

Nesse contexto, através da aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia contemporânea francesa, esse artigo possui a finalidade de dar corpo ao abandono da localidade de Cuñapirú - Corrales, localizada no Uruguay e pertencente ao Departamento de Rivera.<sup>4</sup>

A região mineira de Cuñapirú – Corrales, inicialmente rural, encontra seu momento na histórica descoberta do ouro na região em 1820. A partir daí, a localidade passou a receber grandes investimentos de cunho estrangeiro que foram responsáveis pelo forte crescimento da região urbana na localidade.

Tais investimentos de origem europeia fundaram o povoado de Minas de Corrales devido à grande mão de obra trazida para o garimpo do ouro. Contudo, após muitos anos, houve um declínio de investimentos na região somados a desastres naturais que acarretaram em uma diminuição populacional e de interesse nas atividades mineiras, chegando ao fechamento de várias minas e desativação da Usina Cuñapirú.

<sup>3</sup> Conceito definido por Félix Guattari como: “O conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 1992, p. 19).

<sup>4</sup> Artigo parte da dissertação de mestrado Povoado em Abandono: A polissemia da paisagem contemporânea em Cuñapirú - Corrales no Uruguay, defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), em 2021, de autoria de Laís Dellinghausen Portela e orientada pelo Prof. De. Eduardo Rocha.

Busca-se estudar a desconstrução do espaço já formado, idealizado e, nesse caso, à deriva. Não basta a análise tradicional construtiva e cronológica das origens urbanas, seu desenvolvimento e posterior plano de futuro. Anseia-se, neste artigo, compreender o hoje, a fragmentação dos espaços através do abandono já concretizado e suas vivências na contemporaneidade.

Explorar o presente momento dos acontecimentos (dos abandonos), é analisar a manifestação das ações e dos pensamentos. E não o tempo em seu sentido cronológico-histórico, nem o futuro carregado de planejamentos. Estudar abandonos é estudar a cidade sendo desconstruída, talvez tão potente quanto a sua construção.

Questiona-se, no entanto, sobre a (de)composição dos espaços em povoados abandonados: e que potências o tempo é capaz de (des)ativar e (des)construir no corpo-cidade? Desconstrução que não se constitui destruição, mas um modo de desfazer uma estrutura para fazer aparecer seu esqueleto. Refazer o caminho. Andar pelos abandonos, os mesmos que andamos todos os dias, mas expondo a precariedade ruínosa da arquitetura, que já não explica mais nada, não é um centro, nem um princípio de nada e não teria mais força (ROCHA, 2010).

A partir de tais constatações, o objetivo geral deste artigo é analisar o povoado de Cuñapirú - Corrales, localizado ao sul da América do Sul, a fim de experimentar e corporificar sentidos, para pensar o abandono como uma condição polissêmica da paisagem contemporânea e captar referências na pesquisa em Humanidades no ou sobre o Sul Global: revisão de conceitos e categorias analíticas, repensando delimitações de campo, métodos e procedimentos, o papel do pesquisador. O que podemos aprender com o que está descartado e esquecido nos povoados e nas cidades?

Considera-se vital para o âmbito de produção de resultados a consideração de um povoado pequeno em sua totalidade, particularidades e potencialidades, seguindo os preceitos de uma 'literatura menor' estabelecida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que considera a memória de uma nação pequena tão importante quanto a de uma grande nação, se não está trabalhada e incentivada mais a fundo em sua existência.

[...] é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo; e se o escritor está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE e GUATTARI, p.37, 2014).

Na composição dessa literatura menor, considera-se o coletivo como um individual geral de pura participação e se elege a linguagem como forma maior de experimentação em suas particularidades e potencialidades do lugar menor. Busca-se uma saída para a linguagem, a música e a escrita, almeja-se sonhar ao contrário: saber criar um devir-menor (DELEUZE e GUATTARI, 2014).

Em concordância com o acima exposto, possui-se os seguintes objetivos específicos:

- Compreender e experienciar, através da cartografia sensível, a estrutura que compõe o ato do abandono (morfológica, arquitetônica, cultural e sensorial, etc.) através da criação de mapas sensíveis com a intenção de ampliar o pensamento de arquitetos e urbanistas a

respeito do lugar do abandono em Cuñapirú — Corrales;

- Investigar por meio da relação direta os lugares do abandono em Cuñapirú — Corrales, seu potencial cultural, artístico e pedagógico, entendendo que a cidade pode ensinar;

- Refletir sobre o caráter dinâmico e evolutivo da paisagem no lugar do abandono em Cuñapirú — Corrales.

Ao final de seu curso, pretende-se prosseguir nos estudos acerca dos povoados na contemporaneidade visando ampliar a compreensão e as discussões a respeito do abandono já que este ocupa pouco espaço na bibliografia urbanística. Seja porque estamos treinados a observar o crescimento desenfreado das cidades e a racionalização do espaço por consequência ou porque pensamos no espaço do abandono como o lugar da ausência, da impossibilidade.

## Revisão da literatura

### *A polissemia do abandono*

A palavra abandono desperta vários significados, primeiramente devido à sua amplitude teórica. Secundamente, pois está sempre interligada a algo ou a alguém, o que gera vertentes para reinterpretações na linguagem cotidiana através dos agentes sociais. Trata-se, portanto, de uma polissemia<sup>5</sup>.

O termo abandono, em um dos inúmeros contextos, busca desafiar a imaginação e a reflexão, além de transitar pelos campos da filosofia, da literatura, da arquitetura, da morfologia e das relações socioeconômicas.

Morfologicamente, abandonar indica uma ação que necessita complemento, abandona-se algo/alguém ou se sofre a ação do abandono. O fato é que tal ação é transitiva e direta, exige-se sujeito e predicado. Sofre-se algo. Pode demonstrar, em sua extensa possibilidade de definições, o ato de partir, ir embora, largar, deixar sozinho e/ou sem condições; desistir, renunciar (de algo ou alguém); deixar de lado, à deriva; desprezo e, por vezes, indiferença.

Engano pensar que abandono precisa ser existente, material. Abandona-se também no campo da imaterialidade, da imaginação. É intangível. Estado de corpo, mente e alma. É ser algo e, ao mesmo tempo, deixar de ser/estar.

Abandonamos, portanto, em dois sentidos principais: como uma ação, um movimento de deixar alguma coisa, uma pessoa, uma função, um lugar ou renunciarmos, esquecemos algo ao abandono. Abandonamos e somos abandonados, arquiteturas do abandono e abandonos da arquitetura (ROCHA, 2010).

No campo da filosofia e, através de Deleuze (1995), o abandono pode ser pensado como a diferença de si, como a potência para a criação e a concepção de novos processos e novos conceitos através da filosofia. Ressalta-se que um conceito não nasce do além, tampouco sem motivo, trata-se de uma necessidade – variável -fixada no devir-tempo. A (re)criação em si representa um ato de resistência e, ao mesmo tempo, uma transparência e afinidade profunda com o lugar.

<sup>5</sup> A Polissemia representa a multiplicidade de significados de uma palavra. Do grego polis, significa "muitos", enquanto sema refere-se ao "significado". Portanto, um termo polissêmico é aquele que pode apresentar significados distintos de acordo com o contexto.

O abandono como lugar da criação representa a inquietação, um leque de possibilidades antes impensadas que, todavia, no agora se destacam. Esses lugares se resignificam através do tempo e, encontram-se desconectados espacial e temporalmente. Na contemporaneidade, geralmente são assolados pela ausência humana e, portanto, baixa intensidade de uso do solo. São lugares indefinidos e culturalmente contraditórios, uma vez que, mesmo vazios de atividade humana, são ricos em diversos níveis de existência biológica.

Pensando em possibilidades e domínio biológico, Gilles Clément em *O manifesto da Terceira Paisagem* (2004), explora refúgios para a propagação da diversidade e os caracteriza como a soma dos *resíduos, das reservas e dos conjuntos primários*. A Terceira Paisagem surge, nesse sentido, como um fragmento de incertezas do jardim planetário<sup>6</sup>.

Os espaços denominados *resíduos*, são os resultantes de um terreno que já foi utilizado e posteriormente tiveram sua atividade abandonada. Esses espaços possuem diversas origens (agrícola, industrial, turístico, etc.) e geralmente suas paisagens são heterogêneas e caóticas.

Nesse contexto naturalista, Gilles Clément questiona a negligência quanto à espaços indecisos e sem função buscando direcionar a atenção para a possibilidade de estes constituírem um território de refúgio para a propagação da diversidade, já que demonstram estar disponíveis para ocupações despertadas pelo meio e, muitas vezes, impensadas.

#### *A síndrome do abandono*

No campo da psicanálise, a obra *Névrose d'abandon* de Germaine Guex<sup>7</sup> descreve o abandono nos campos do comportamento afetivo. Retrata casos em que o sujeito com essa neurose vive em estado de medo de ser abandonado, despertando a angústia, agressividade e subestimação por continuar a amar como uma criança, gozando de um Complexo de Édipo mal resolvido.

No plano afetivo, a arquitetura do abandono demonstra a necessidade de fusão com o próximo, seja com o seu entorno imediato, com a sua memória do passado ou com seus usuários recentes. O neurótico busca nessa aproximação remediar uma falta de confiança e amor perante o meio e que não consegue estabelecer sozinho, trata-se, portanto, de uma adesão semelhante ao de uma criança em busca da aprovação dos pais.

Apesar dessa busca proeminente por confiança e amor, o estado de abandono assume um risco, seja no campo da matéria ou da imaterialidade, de causar uma experiência alienante e despertar um mundo totalmente novo em suas possibilidades. Renascer. O abandono representa o espaço da incerteza, da invasão de novos rumos. É um não-lugar que por vezes nega a realidade do sentimento devido às incertezas, à falta de confiança e por se assemelhar à imaturidade de uma criança que, por esse motivo, assume uma posição de não reciprocidade.

De maneira geral e levando em consideração os tópicos acima, pode-se encarar o

<sup>6</sup> De acordo com Gilles Clément: 'O Jardim planetário apresenta o planeta como um jardim. O sentimento de finitude ecológica converte os limites da biosfera no recinto dos seres vivos.'

<sup>7</sup> A autora, psicóloga Suíça, centra seus estudos em casos de abandono de crianças pós segunda guerra mundial, aqui são realizadas aproximações com a arquitetura e lugares abandonados, com origem nos estudos de tese de Eduardo Rocha (2010).

abandono da arquitetura de duas formas bem distintas. Primeiramente o abandono no campo da matéria, onde não temos obstáculos para identificar tal síndrome. Sendo a própria edificação responsável por contar do seu abandono, a sua carência de amor e as suas angústias; em segundo plano, temos o abandono da arquitetura no campo da imaterialidade, muitas vezes intactos na sua visibilidade aparente, porém transcorre sua complexidade no campo do pensamento. Muitas vezes é onde o sujeito atua sob o ponto de vista da neurose.

Esse sujeito neurótico, para Guex, chama-se '*abandonnique*' e foi criado no intuito de descrever o sujeito que enxerga tudo pelo viés do abandono sentimental. O termo não busca descrever um estereótipo físico em particular, mas sim todos que de alguma forma se sentem abandonados ou abandonam algo. Da mesma forma, o abandono da arquitetura pode acontecer de maneira menos objetiva e de frustração com a realidade a partir de um sujeito neurótico.

Conforme exposto acima, sente-se o abandono em dois campos diversos:

No primeiro, onde identificamos o abandono de forma mais visual e nítida, temos discernimento de seus sintomas também de forma imagética e clara, seja através da sua aparência por rachaduras, lixo, vandalismo, invasão de vegetação, ruínas, etc.

No segundo, pensamos o abandono como além do aspecto visual, que não se encarrega por demonstrar qualquer situação de abandono ou desleixo, encontram-se visivelmente íntegros. Nesse caso, identificam-se seus sintomas a partir das vivências in loco e, principalmente, das sensações que essas experiências despertam no usuário. Nesse âmbito, Germaine Guex (1973) nos auxilia a diferir alguns tipos de síndrome do abandono, os quais identificamos como:

- *Tipo positivo-amoroso (sentimento de valor econômico, cultural, histórico...);*
- *Tipo negativo-agressivo (gera ódio no usuário, não desperta amor, quer mostrar-se, fazer ouvir, ser amada...);*
- *Tipo não-valorizado (camufla todos os sintomas visíveis, nada é evidente...).*

Os estereótipos acima listados possuem a conectividade necessária para estabelecer o contraponto e a coexistência de sentimentos ambíguos em um mesmo lugar do abandono (ROCHA, 2010).

Diante das classificações, portanto, enfatiza-se sentimentos marcantes e básicos que precedem nessas arquiteturas do abandono: a angústia, a agressividade, o medo e a não-valorização. Através deles derivam todos os sentimentos e pensamentos mais complexos que formam a sintomatologia do abandono, visual ou sensitiva. Escorre também, a possibilidade desses sentimentos em maneira reversa: a repressão dos mesmos.

#### **Metodologia: Cartografia Urbana**

A cartografia apropriada neste artigo é a formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, através da obra *Mil Platôs* (1995). Ambos filósofos da diferença, com o intuito de acompanhar um processo e não de apenas uma representação. Nesse processo,



os autores designam a cartografia urbana como um princípio de rizoma<sup>8</sup>, por sua experimentação performática, referências e conexões com a realidade, porém com múltiplos sentidos, significados e sistemática acêntrica.

Essa cartografia<sup>9</sup> é reversa as tradicionais, uma vez que aposta na experimentação através do pensamento, de mesmo rigor aos métodos tradicionais, porém com um sentido de resignificação e de rigor com os movimentos da vida a ser intervencionada. Essa reversão impõe o caminho não para alcançar metas, mas como forma de traçar suas metas e intervencionar conjuntamente com o objeto de pesquisa (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009).

Utilizando das práticas de mapear, desenhar, fotografar, filmar, narrar e dialogar foram cartografados as coexistências e sensações gerados no lugar do abandono, com ênfase na localidade de Minas Corrales - UY. Compreendendo o espaço urbano como produtor de subjetividade – na relação espaço-corpo –, sempre no (em) processo.

O cartógrafo, os pesquisadores e habitantes, acompanham processos em curso. A cartografia, como pesquisa de campo, habita o território e entra em contato com o outro, utilizando artifícios próprios da etnografia e da observação participante (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009).

De acordo com Guattari, 'As cidades são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva' (2000, p. 172). Experimentar o abandono (material e imaterial) compõem a experiência humana sob os mais variados aspectos. Os contatos humanos com essa experiência – a partir do que fala Guattari numa certa materialidade diante dos estudos em arquitetura e urbanismo, através dos espaços urbanos– como os parques, praças, ruas e vazios podem cada um a seu modo e de diferentes maneiras, interpelar os cidadãos gerando experiências subjetivas. Portanto, cartografar os territórios (zonas de experiência) é dar voz a expressão da materialmente da multiplicidade do ser.

#### *Procedimentos metodológicos*

##### *Diário de campo*

Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos (KASTRUP, PASSOS & ESCÓSSIA, 2009, p.60).

O diário de campo, na performance da cartografia, é um instrumento essencial que nos permite formalizar uma memória material de uma caminhada, seja um registro sobre as leituras, conversas e pensamentos provocados pelo ato da experiência em campo. Tal documento nos permite 'transversalizar' informações e conhecimentos em experiências que se transformam em saber e em modos de partilha e conexão.

Essa forma de registro nos liberta da do texto científico regado e formal propriamente dito e nos abre espaço para relatos, narrativas e percepções sobre o espaço a ser vivenciado e as coisas mais simples da vivência particular de um abandono que podem

8 O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva-daninha (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 15).

9 A cartografia como metodologia acadêmica é quase um i-método, não método no sentido tradicional. Contra-método, porque manda o pesquisador para campo, acompanhar processos.

ser transcritos em documento não somente em forma de texto, mas também de mapas, desenhos e cores.

[...] a confecção de um relato muito especial, onde é preciso transmitir o que se observou na pesquisa. Nesse relato o etnógrafo deverá dar conta não só do que viu e viveu, falando em seu próprio nome, mas também do que ouviu no campo, do que lhe contaram, dos relatos dos outros sobre a sua própria experiência (CAIAFA, 2007, p.138).

Esse dispositivo íntimo é primordial para a captura de lembranças da pesquisadora no processo de pesquisar, nos encontros, desencontros e surpresas vivenciados no trajeto de viagem. Instiga a união de diversas vozes e sentimentos presentes no momento, dando visibilidade aos movimentos e os registrando em pequenas narrativas diárias, essenciais nas suas restituições para a composição de resultados e análise das implicações que se cruzam no trabalho da pesquisa.

#### *Diálogos do abandono*

*Dia 1 – 05/12/2019*

*Era dia de arrumar a bagagem física e mental para embarcar em uma viagem de conhecimento e descobertas.*

*[...] Logo na chegada à Santana do Livramento, primeiro destino de encontros que tínhamos em mente: o 'entre', onde as diversidades culturais faziam mistura, antes de seguir para o destino Cuñapirú – Corrales, partimos para um almoço com Eduardo Palermo, historiador ao qual mantive contato prévio no 'pré-viagem', e a arquiteta da prefeitura Andrea. Esse encontro foi um norte, um apontamento para seguir destino e guiou para que seguisse conversa com Hugo González (assessor do alcade de Corrales).*

*Após almoço pegamos um táxi em direção ao "Rent a car", onde alugamos um carro para iniciarmos nosso percurso em direção ao norte do Uruguay. Da locadora saímos em um Fiat Uno em direção à "ruta 05", onde fomos abraçados fortemente por uma paisagem imponente digna de cartões postais. Essa paisagem passava como se fosse um guia em direção ao nosso destino.*

*Enquanto entrávamos nas curvas estreitas, lembramo-nos do quanto fomos alertados sobre as "perigosas, fechadas e esburacadas" curvas e estradas que perdiam seu requinte e manutenção ao passo que se aproximava do interior do país, ao qual almejávamos o encontro.*

*Mais do que preocupação, o sentido de alerta e euforia tomava conta sobre os avisos constantes que recebi que logo se perceberia a chegada da 'ruta 29', onde os cerros achatados seguidos por vales e mais cerros ganhavam enfoque e demonstravam de cara a riqueza da região. E que energia vibrante, imponente e majestosa passavam os cerros, estes que demonstravam ser pórtico, entrada, abertura e fresta antes mesmo de ser rocha guardiã de grandes preciosidades.*

*Junto aos cerros, por frequentes vezes, uma vegetação massiva e ordenada tomava frente, planejada e de diagonais retílineas... quase que formando direções até o outro lado. Mas que outro lado? Será que tamanha horizontalidade esconderia, ao fim de tudo, a forma não*

*ordenada, assimétrica e desvalorizada de um povoado rico?*

*Ainda pelo caminho, já em torno das 17h da tarde do mesmo dia 05/12/2019, passamos por uma ruína que, ao meu prévio conhecimento parecia a ruína de Cuñapirú (distante no tempo, espaço e velocidade naquele momento). Na sequência passamos para mais algumas situações de abandono e entramos no que parecia ser a avenida principal do povoado de Corrales. Seguimos via até o Hotel Artigas, nosso ponto de referência para hospedagem, onde fixamos chegada às 18h e 06 minutos...*

*[...] em seguida saímos a pé pela Avenida Principal para um primeiro contato com a experiência do caminhar sem rumo. Logo no princípio do perambular, notei a imponência dessa avenida e a importância que ela ostentava... com duas faixas e canteiro central. Aparentemente se tratava da parte mais nobre da cidade, apesar de encontrarmos alguns imóveis em situação de descaso/abandono.*

*Notamos um senhor sentado à frente de uma residência, tomando mate. Foi então que decidi fazer contato com ele sobre as impressões do local e sua vivência. Em meio a conversa sua esposa saiu de moto e “tocamos” algumas galinhas que pertenciam a ele para dentro do seu pátio. Em meio a tanta conversa, me senti à mercê da descoberta de um lugar menor, de hábitos familiares e de um valor cultural local muito forte que clamava por descoberta [...]*

A narrativa acima inserida, resulta das primeiras linhas de meu diário de campo (importante dispositivo do cartógrafo e que, abaixo, será melhor enfatizado) e inserido com o intuito de propagar ao leitor a importância do processo, o tão comentado na metodologia da cartografia, mas que também é planejado no seu processo de encontro — parte-se da caminhada pela procura, para assim determinar os próximos passos.

Contando os passos incertos, detalhados e perambulantes do processo de viagem até a cidade e posteriormente seu caminho pela avenida principal e, durante todo esse processo, demonstramos a captação de sentimentos, imagens, paisagens e uma infinidade de características que vamos tomando afinidade e tomaria o fôlego de qualquer um que estivesse atento ao percurso, para então descobrir onde chegaria.

#### Recortes Fotográficos

[...] os fotógrafos manipulam a cidade, retirando as pessoas. Mostram a cidade como desejariam que ela fosse. De qualquer modo, a cidade não é independente do observador. Ao contrário, é o alvo da flecha do observador. Obviamente, não existe a cidade sem as pessoas, nem a arquitetura sem os seus moradores. Não existe objeto sem sujeito, do mesmo modo que não existe sujeito sem objeto. Essa inversão da relação objeto-sujeito é totalmente anti-humanista, porque retira o homem da cena. Nesse sentido, as fotografias são documentos de uma intenção (FLUSSER, 2014, p. 13).

O mundo da fotografia ideal, principalmente à dos cinemas ou a que assombrava a Europa nos 80, já era relatada por Fernando Fuão em 2008 às margens do filósofo

Vilém Fusser, acima citado, em que apontava para a falta da personificação humana nas imagens repercutidas das cidades e da arquitetura, cidades moldes e também fantasmas.

Interessa-se aqui recorrer à fotografia como forma de captar a cidade visível em seu estado pleno de utilização e vivência — e não a invisibilidade, a projeção; como cenário e participação essencial para a manutenção da vida de uma comunidade e população. Não se interessa, então, em “maquiar” a cidade para que apague ou disfarce sua história cotidiana personificada. A cidade como forma de afirmar a existência e a fotografia.

Busca-se, a fins de complemento nesta pesquisa, utilizar recortes fotográficos com o melhor enquadramento de captação do cotidiano do abandono na cidade de Corrales — Cuñapirú que sobrevive às margens de sua população restante e de sua memória — visível às lentes. E enfatiza-se também as diferentes percepções que um usuário pode ter acerca do exposto e se deixa livre para capturar e dar visibilidade às cenas cujo momento o sensibilizou, podendo um momento ter diversos pontos de enfoque a depender do protagonista que o visualiza.

As imagens que definimos dessas arquiteturas do abandono — fotografias ou filmes, por sua vez, carregam a história do fotógrafo que definiu o melhor enquadre de uma paisagem e das pessoas cujo momento existencial foi eternizado num registro fotográfico, mas também os recursos do equipamento técnico que foi utilizado, a sensibilidade da película fotográfica, a própria luz, a potência inorgânica que se entrelaça com a própria vida, enfim, tudo isso agenciado e produzindo um acontecimento vivo, exprimindo-se enquanto duração no aqui-e-agora (ROCHA, 2010, p.164).

#### Análise

A cartografia não possui a intenção de anular os métodos tradicionais de estudo, mas sim, apropria-se desses para engrandecer seu processo de pesquisa e intervenção. Com isso, será utilizado, nessa pesquisa, a análise morfológica tradicional, ciência que estuda as formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem. Lamas (1993), aponta três pontos indispensáveis à morfologia urbana: o estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores, e na sua produção e transformação no tempo; o estudo da divisão do meio urbano em partes e da articulação destes entre si com o conjunto que definem; o estudo dos níveis ou momentos de produção do espaço urbano.

A organização dos elementos morfológicos constitui e define o espaço urbano, relativamente à materialidade dos aspectos de organização funcional quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos. São considerados como elementos morfológicos do espaço urbano o solo, edifícios, lotes, quarteirão, fachada, logradouro, traçado da rua, praça, monumento, vegetação e mobiliário urbano. Esses elementos serão analisados a partir do desenho tipo figura-fundo, que cria a possibilidade de visualizar os elementos construídos através do preenchimento da cor, enquanto os vazios serão mantidos em branco, de modo a exaltar os sólidos e vazios existentes pelo desenho em duas dimensões.

Os mapas figura-fundo podem ser elaborados para tratar de diversos temas como espaço edificado, espaço não edificado, vias de acesso, recuos das edificações nos lotes, usos do solo, parques e praças, e até mesmo, o ritmo da fenestração das fachadas, etc. De acordo com Lamas (1993), os estudos em arquitetura devem estar





presentes e intervir, qualquer que seja a escala ou o tempo de intervenção, desde a vasta região à pequena habitação. Dividir os mapas em objeto (construído) e espaço (não construído), possibilita uma comparativa dos aspectos da morfologia urbana nas áreas do abandono aqui estudadas, revelando que esses espaços não se produzem somente por casualidades, mas por lógicas próprias de contexto cultura, econômico e histórico-social, ainda em vias de estudo e descoberta.

Para analisar entrevistas realizadas no decorrer das viagens será utilizada a técnica conhecida como análise de conteúdo, que caminha no limite da objetividade e da subjetividade, do rigor científico e não do olhar viciado do observador (BARDIN, 1977, MINAYO, 1993 e VALA, 1986).

O procedimento da técnica de análise de conteúdo se faz, primeiramente, através da identificação de unidades de registro, baseada nas repetidas leituras das mensagens coletadas nas entrevistas. Segundo Bardin, unidades de registro é:

[...] a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e dimensões muito variáveis (1977, p.104).

Serão realizadas as codificações dos depoimentos, individualmente, tomando como unidades de registro as ideias e as temáticas que emergiram das falas dos moradores do abandono.



Figura 4 – Imagens do percurso 1. Fonte: autora, 2020. Figura 05 – Imagens do percurso 2. Fonte: autora, 2020.

Após a escolha das unidades de registro, serão reelaboradas as categorias preestabelecidas antes do trabalho de campo, conceitos mais gerais e ainda abstratos. Após a definição das unidades de registro será possível propor novas categorias independentes das imaginadas inicialmente. As categorias estipuladas a partir da coleta de dados são mais específicas e concretas, possibilitam articular as perguntas propostas e os referenciais teóricos.

Categoria é um conceito que abrange elementos ou aspectos com características semelhantes, ou que se relacionam entre si. São utilizadas para mesclar elementos, ideias ou expressões nesse tipo de pesquisa qualitativa, ou seja, categorizar. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com os critérios previamente definidos (BARDIN, 1977, p.117). Definidas as categorias, iniciará a validação e contextualização, através de uma aproximação e



confronto com os referenciais teóricos.

Essa análise que permeia todos os processos tem como principal pressuposto o agenciamento de heterogêneos. Heterogêneos compostos pela experiência da viagem, as análises morfológicas, análises de conteúdo e todas as outras forças potentes que atravessem o nosso plano e processo de pesquisa com os espaços urbanos em caráter de abandono nas localidades propostas.

Como produção final almeja-se produzir mapas da hospitalidade sobre o espaço do abandono nos limites de Cuñapirú - Corrales - UY, encarando a coexistência da materialidade e imaterialidade, das políticas públicas e modos de vida no contexto apresentado no Uruguay.

## Resultados e Discussão

Apoiados pela idealização de captar os sintomas presentes no abandono, seja ele material ou imaterial, e amparados pelas classificações de Germaine Guex (1973) percebemos a existência de suas formas distintas presentes durante a vivência no povoado de Cuñapirú – Corrales.

A partir da cartografia, podemos nos inserir no contexto e na rotina de um lugar, sendo capazes de captar diversos sentimentos e sensações capazes de denunciar inseguranças, medos e angústias.

Considera-se em abandono também tudo que está em situação de espera, de não ser capaz de despertar sentimentos em um determinado momento. Trata-se, desse espaço, o abandono como um estado volátil, passível de transformação e ávido de receber amor. Sua condição momentânea não o define permanentemente.

Nos trajetos, contou-se com o apoio da população local que nos recebeu de forma acolhedora. Essa sensação de acolhimento possui fundamentação histórica devido às reincidências externas mirando na economia local. Não por acaso, o povoado de Cuñapirú – Corrales sempre cultivou e teve sua sobrevivência assegurada por cunho internacional, por esse motivo se sente dependente de outras origens até a atualidade, sejam seus motivos econômicos ou culturais. É um povoado que vive da reciprocidade de sua acolhida, e não de investimento e valorização local.

Os trajetos acima, tomaram como partido a exaltação dos abandonos como primórdio e, através dos registros acima, nos transbordam e trazem à tona a contemporaneidade de um povoado que se reconstrói mediante as circunstâncias.

Para melhor contextualizar o local de estudo e, portanto, traduzir a experiência através das imagens analisadas e classificadas afetivamente, no quadro da figura 6.

Identifica-se, a partir dos registros acima classificados principalmente nas imagens 1,3, 4 e 7, uma sintomática decorrente do abandono, seja ele por desuso econômico ou cultural, mas que se fortalece e determina através do tempo por sua falta de ocupação e destinação. Trata-se de uma arquitetura que necessita de afeto, que se ocupa cada vez mais pelas intempéries da natureza e do existir sem mais um propósito pré-estabelecido. Torna-se sucumbido às possibilidades do meio.

O cenário recorrente acima descrito abre margens para o surgimento de um novo acontecimento, o surgimento de espaços indecisos. Estes espaços, de acordo com Gilles Clément em *Manifiesto del Tercer Paisaje (2004)*, são paisagens objetificadas através da indústria e aos quais possuímos dificuldades em nomear, seja por não ter uma função determinada ou por seu não pertencimento. É um lugar situado às

IDENTIFICAÇÃO	SINTOMA
1 	Falta de esquadrias e vegetação invadindo.
2 	Mina sem exploração, com segurança porque já foi alvo de vandalismo.
3 	San gregório - Poluição visual de equipamento de extração do ouro. Em deterioração pela falta de uso...
4 	Natureza tomando conta.
5 	Vandalismo.
6 	Vandalismo.
7 	Ruina – inércia no estado de conservação. Arquitetura onipotente.

margens e oriundo de um desprendimento recente. Essas proposições e fragmentos de paisagem são responsáveis em constituir um território de refúgio, e é nesses espaços residuais<sup>10</sup> em que Gilles Clément propõe o surgimento da Terceira Paisagem.

Da tabela acima, podemos encarar como exemplo de resíduo turístico o exposto nas imagens 2, 5 e 6. Esse resíduo parte do novo uso da arquitetura que vem sendo identificado na região e é responsável pelo uso inadequado do espaço por usuários que depredam ainda mais a situação das edificações existentes, nesse ato, identificado pelas escritas e marcas deixadas nas empenas. Não por acaso, os resíduos também evidenciam e caracterizam, nesse aspecto, uma forma de denúncia de demonstração de reações afetivas. Nesse sentido, o residual é um termo vinculado ao serviço, é específico e condicionado diretamente pelo meio de interesse e seus usuários.

Através do diálogo eminente com a população residente e através das classificações de abandono neurótico de Germaine Guex (1984) exploradas, os trajetos ilustrados foram capazes de reportar, através dos usuários de vivência direta, as diversas reações afetivas que este abandono lhes causa.

<sup>10</sup> Resíduo, de acordo com Gilles Deleuze 2007, p.12. '[...] formam parte de todos os espaços. A cidade, a indústria e o turismo produzem tantos resíduos como a agricultura, a silvicultura ou a criação de animais'.

Figura 6 – Classificação sintomatológica. Fonte: autora, 2020.

Figura 7 – Exemplo de reação afetiva Negativo Agressivo causada no abandono. Fonte: autora, 2020. Figura 8 – Exemplo de reação afetiva Positivo Amoroso causada no abandono. Fonte: autora, 2020. Figura 9 – Exemplo de reação afetiva Não Valorizado causada no abandono. Fonte: autora, 2020.

Trecho diálogo	Reação Afetiva - Abandonnique
<p><b>Pesquisadora:</b> O senhor percebeu bastante essa queda da economia e redução da população na cidade após o fechamento da atividade de mineração?</p> <p><b>Morador local:</b> Ah sim, o comércio caminhou melhor né... aqui sempre foi um povinho típico que pagava muito dinheiro, o custo de vida era muito caro e é, em Livramento e Rivera é tudo metade do preço. Agora até os aluguéis aqui ficaram mais baratos porque o salário se tornou pouco e muita coisa vagou pelas pessoas que foram embora. Um emprego na polícia, na UTE agora nem se compara ao que era o trabalho na mina, muito mais valorizado.</p>	<p>Reação de angústia por abandono econômico.</p>
<p><b>Pesquisadora:</b> E o senhor gostaria que voltasse, reativasse a mina? Quais as suas lembranças?</p> <p><b>Morador local:</b> É bom pro povo né, pra muita gente. Tenho boas lembranças da época, um bom dinheiro. Sempre olhei pra frente, com o dinheiro que vou ganhar aí de hora extra vou comprar tudo que me faz falta. E a cidade melhorou muito, o comércio.</p>	<p>Sentimento de valor econômico, crescimento urbano e de serviços.</p>
<p><b>Morador local:</b> Existem algumas casas que estão abandonadas, que já ficaram anteriormente, mas não são muitas.</p>	<p>Sensação de abandono momentâneo (recíproco) com a situação econômica - porém não evidente à percepção visual.</p>

Encarar o abandono imagético e o experienciado através dos relatos não visíveis acima é aceitar a coexistência e a sobreposição de fatores que ora concordam, ora se contrapõem. Acerca desse fato e de toda filosofia englobada conexas ao tema, faz-se necessário apresentar a esquizoanálise como potência e força motriz dessa experiência em Cuñapirú – Corrales.

A esquizoanálise é um conceito que possui origem em Gilles Deleuze e Felix Guattari, em 1972, e tem por premissa maior reagir à psicanálise<sup>11</sup> tradicional, abrindo espaço para um novo instrumento para decifrar a subjetividade. A esquizoanálise atua como crítica para a interpretação do conceito de desejo como falta. Nesse sentido, para os autores, o inconsciente se torna responsável pelo desejo como um intenso produtor de realidades.

A psicanálise, a partir da esquizoanálise e assim como o abandono, representa o lugar do dinâmico. Não somente aceita a coexistência e a sobreposição de juízos como também acredita que estes encontros são capazes de gerar atrito e oposições pertinentes para ocasionar em uma terceira via de ações e pensamentos. A terceira via é, de fato, o palco que nos interessa, uma vez que demonstra todas as potencialidades ali escondidas no lugar do abandono.

### Considerações Finais

Desde o início de seu curso esse artigo foi motivado por satisfazer as inquietações decorrentes dos povoados em situação de abandono – especificamente na localidade

<sup>11</sup> A vocação da análise, portanto, não é dizer o que somos, mas sim promover a escuta daquilo de que estamos em vias de diferir - ou seja, a sustentação de devires-outro. Tal vocação esteve presente na própria fundação da psicanálise, com a qual se inaugurou o campo analítico. A criação por Freud deste novo tipo de prática, no final do século XIX, se constituiu como uma resposta possível ao mal-estar provocado pelo declínio do modo de subjetivação então dominante, o qual se expressa convulsivamente no conjunto de sintomas que se convencionou chamar de histeria' (ROLNIK, 2009).

de Cuñapirú - Corrales, em como esses locais foram (des)ocupados morfologicamente e de que maneira poderiam se reinventar, polissemicamente, no tempo e espaço para perdurar e, principalmente, como poderíamos aprender com o que está sendo esquecido e descartado nos povoados.

Através disso, faz-se necessário observar as casualidades encontradas no meio de estudo e tudo aquilo que se destaca e transborda no exercício da cartografia. Enfatiza-se, no entanto, que não é a intenção promover planos rígidos e regulares, pelo contrário, propõe-se promover a investigação, o questionamento do existente encontrado e permitir ampliar as possibilidades de novas concepções e ideias urbanas para a manutenção e atualização do plano existente.

### *O abandono/resíduo como denúncia e propagação de reações afetivas*

Compreende-se Guex (1973) na conceituação do 'abandonnique' para melhor designar o lugar do neurótico que ocupamos no mundo afetivo, uma vez que o termo abandono é carregado de uma objetividade não percebida senão de uma forma mais complexa. Por certo, as vivências em Cuñapirú – Corrales demonstraram que o abandono é carregado de uma forte e instigante consciência coletiva que, apesar de abandonar economicamente sua ocupação, se precaveu em fortalecer e preservar sua história e cultura diversa como povoado.

Fugimos da objetividade do termo abandono, quando pensamos no contraponto das reações afetivas. Quando nos deparamos com as imagens analisadas durante o percurso no local (figura 04 e 05), verificamos que estas exaltam diversas formas de agressividades reacionais: seja dos usuários ou do próprio meio ambiente. Estas demonstram a falta de afeto materializada na forma de vandalismo, degradação, ócio e crescente invasão da natureza. Ocorre que, nesse contexto, até mesmo a não ocupação traduz uma forma de renúncia, uma abdicação agressiva perante o meio, e constata uma forma de expressão de reação a um sentimento.

Embora visualmente os lugares do abandono em Cuñapirú-Corrales denunciem a iminente falta de afeto. Conforme a classificação afetiva das síndromes do abandono, a narrativa de parte de seus usuários se contrapõe a tal constatação e é positiva, em discordância com o campo imagético. Transcende o mundo material lembrando com afeto a memória de seu passado histórico, cultural e econômico trazendo ainda, em seu discurso, esperança para um futuro próspero e promissor em novas vertentes de exploração.

O estado de não valorização reforça o quão volátil e cíclico é o abandono perante a temporalidade e a percepção humana. Retratando a angústia de outrem que está no aguardo – naquele presente momento, na expectativa de algo que já serviu um dia, voltar a ser útil novamente. Em Cuñapirú – Corrales, o estado de inércia é percebido através dos diálogos que traduzem o que é a insuficiência da espera, principalmente quanto ao vácuo econômico existente na atualidade, uma vez que obriga a população que ainda resiste a buscar novos meios de sobrevivência.

Seu passado histórico evidencia a forte dependência externa para a manutenção da sobrevivência local através da mineração e denuncia um estado natural de angústia, agressividade e subestimação de si diante do cenário atual. Acompanhando Guex, estaríamos entrando no estado pré-edípico de que 'o abandonado aspira ao sentimento de fusão com outro ser (mãe) e não ao sentimento de relação que ele nem mesmo concebe' (GUEX, 1973, p.3).



A sobreposição e conectividade entre as formas de abandonar demonstram a complexidade diagnosticada em Cuñapirú – Corrales e afirmam a coexistência de sentimentos ambíguos como complemento em uma mesma arquitetura do abandono. E, de fato, a ‘angústia como trégua da agressividade e vice e versa. Defesa e ataque’ (ROCHA,2010).

Dessa forma, o abandono da arquitetura não deve ser encarado como um estado de azar propagado na história, e sim como um projeto em pleno desenvolvimento. Não se trata de sair em definitivo de um estado para outro, mas de uma conquista – sem exclusão daquilo que foi vivido - para um novo modo de relação com o outro. Em outras palavras, acredita-se que o passado continue a valer através de outros modos e a partir da situação presente.

#### *O lugar da terceira paisagem*

Como válvula de escape para o domínio biológico, Clément reflete sobre os terrenos vagos como uma condição para a sobrevivência da paisagem na contemporaneidade e os faz através de três classificações anteriormente exploradas: a soma dos *resíduos*, das *reservas* e dos *conjuntos primários*.

Os resíduos, em Cuñapirú – Corrales, resultam do abandono da atividade mineira na região e abrem espaço para a manifestação de novas espécies e eventos naturais. Esses espaços caracterizam o abandono como impermanência, trata-se de explorações pouco duráveis e cíclicas, quase que como uma experimentação para se fixar no espaço.

Estes lugares são os responsáveis pela acolhida de diversas espécies pioneiras e de manifestações que outrora não tiveram espaço. Nesse contexto, descreve que a antropização planetária em crescimento constante acarreta a criação de cada vez mais resíduos e, em um estágio final, resultaria na generalização do planeta como um imenso resíduo com reduzido número de heterogêneos e equilíbrio associado à vida humana.

Constitui Terceira Paisagem também o contido nas imagens da figura 04, pois apesar de seu estado de degradação, tem-se a necessidade da manutenção e preservação histórica e é acometida por uma consciência coletiva imponente da região, conforme relatos citados nos diálogos positivos-amorosos. Nesse quesito, desperta-se também a Terceira Paisagem para uma dimensão política e social. Estes fragmentos históricos contidos nas imagens acima explanadas, resultam em farelos conscientes de sua população e são responsáveis por manter viva a diversidade de sua existência, trata-se da memória coletiva afetiva e de sua amplitude biológica.

A Terceira Paisagem e o abandono, em Cuñapirú - Corrales, nascem de um contexto passivo e estático – desuso, desocupação, e torna-se ativo e incipiente no momento que se transforma em um território de refúgio e possibilita o surgimento da diversidade biológica.

De acordo com Clément, o crescimento das cidades e seu respectivo ordenamento de território são responsáveis também pela evolução da Terceira Paisagem. Tal desenvolvimento acarreta na formação de uma malha urbana, na qual os refúgios residuais se formam aleatoriamente em lugares hostilizados pelo processo, garantindo a diversidade. Por sua performance, podemos também associar a membrana urbana ao conceito de rizoma, já que se ramifica de maneira conectada por causa da ocupação humana e posterior evacuação.

A fim de garantir a continuidade biológica através da política dos encontros, preza-se pela comunicação através das malhas e não com o fechamento das mesmas. A multiplicação, de acordo com Clément, é unicamente atrelada aos resíduos que surgem da ordenação das malhas e suas conexões. Nesse sentido, a evolução territorial coincide com o desenvolvimento da Terceira Paisagem, porém o que garante o desenvolvimento de sua diversidade é a não fragmentação dos espaços.

O ordenamento territorial de Cuñapirú – Corrales, estruturou-se em 2010 quando o Povoado foi oficialmente declarado município. Conforme relatos históricos, o povoado passou por vários pontos de progresso e exploração de cunho internacional, assim como em seus momentos de transição também pontuou por fases de abandono, como o vivenciado na contemporaneidade dessa experiência. A procura de evidenciar o ciclo temporal da experiência (não cronológico e não linear) na atuação da Terceira Paisagem, mostrando sua perspectiva através do tempo.

Essa demonstração histórica cíclica remete que, em Cuñapirú – Corrales, aos pontos de baixa antropização a Terceira Paisagem se torna imponente, ao contrário de quando esta conflita com o apogeu econômico das explorações e a iminente ocupação humana. Nesse sentido, percebe-se que as convicções da evolução biológica e do crescimento econômico não estão dispostas à sobreposição.

A Terceira Paisagem contribui para uma importante fração compartilhada de consciência coletiva condicionada pelo seu domínio compartilhado no vértice de uma mesma cultura referenciada em sua organização territorial. Em outras palavras, Clément nos mostra que:

Em qualquer circunstância, a Terceira paisagem pode se considerar uma parte de nosso espaço vital entregue ao inconsciente. Se trata de uma profundidade onde os acontecimentos se armazenam e se manifestam de uma maneira aparentemente irresoluta (CLEMENT, 2004, p.57).

Devido à sua heterogeneidade, inconstância e excesso temporal, a Terceira Paisagem apresenta o abandono como o território da invenção e não da acumulação. Portanto, o abandono experienciado em Cuñapirú - Corrales retrata, através da sua humanidade e dos conceitos acima expostos, a inconstância de um povo Sul Global que se refaz através da história e traz à tona a necessidade de todos se transformarem com o meio: habitantes, errantes e pesquisadores.

#### **Referências**

- CLÉMENT, Gilles. *Manifiesto del Tercer paisaje*. Paris: Éditions Sujet/Objet, 2004.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE, G. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)*. São Paulo: Ed. 34. 1995.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim. 1996.
- GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2000.

GUEX, G. *La neurosis de abandono*. Buenos Aires: Eudeba, 1984.

GUEX, G. *O síndrome do abandono*. Rio de Janeiro: Record, 1973.

PORTELA, Laís D. *A polissemia da paisagem contemporânea em Cuñapirú - Corrales no Uruguay*. Pelotas: PROGRAU, 2021. [Dissertação de mestrado].

KASTRUP, V., PASSOS, E., & ESCÓCIA, L. d. *Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Eduardo. *Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e das artes*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. [tese de doutorado]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>>.